



PERSPECTIVAS AMBIENTAIS: LEONARDO BOFF E DAVID EHRENFELD

Ana Paula Perrota Franco *

Cite este artigo: FRANCO, Ana Paula Perrota. Perspectivas ambientais: Leonardo Boff e David Ehrenfeld. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 4, p.1-15, 16 abr. 2007. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 16 abr. 2007.

1. Introdução

Este ensaio tem por objetivo contribuir para uma pesquisa maior, desenvolvida pelos integrantes do Núcleo de Estudos Rurais – NUER, que busca caracterizar os atores sociais que compõem o campo ambiental na Amazônia brasileira a partir de investigações das possíveis orientações teóricas, bem como da formação e das trajetórias sócio-políticas e profissionais desses atores, e também a partir do acompanhamento em campo dos processos de implementação dos projetos ambientais, para mais tarde serem analisados comparativamente.

As equipes religiosas da Igreja Católica vêm desde os anos 60 e 70, atuando junto às populações *ribeirinhas* do estado do Amazonas, através das Comunidades Eclesiais de Base – CEB e, recentemente, através da CPT (Comissão Pastoral da Terra), um organismo pastoral autônomo fundado em 1975 e reconhecido pela CNBB.

Percebendo a escassez dos peixes nos lagos próximos à moradia dos *ribeirinhos*, essas equipes foram responsáveis pela organização desses moradores em *comunidades* e deram apoio à coordenação dessas populações no combate à insuficiência dos peixes nos lagos que tornava o problema da fome iminente. Assim, logo no início dos anos 80 quando a CPT já tinha sido fundada, as equipes religiosas em torno da Pastoral começaram a realizar reuniões frequentes a fim de estabelecer a preservação desses lagos, pois o pescado além de fonte de renda dos *ribeirinhos* representa também, ao lado da farinha, a principal fonte de alimentação desses moradores. As equipes religiosas vislumbravam, assim, a possibilidade de uma situação de fome nas *comunidades* e, de diversas formas, apoiaram, desde o início, essas iniciativas. (Esterci, 2005).

De acordo com Aquino (2003), as fontes de orientação dessas equipes religiosas foram inspiradas pela Teologia da Libertação, uma vez que as CEBs e a própria CPT foram construídas por uma parcela da Igreja Católica chamada “progressista” por ter sua ação voltada aos “pobres e oprimidos”. Recorro, portanto, à leitura de um dos principais teóricos da Teologia da Libertação, Leonardo Boff[1], que visualizou a mesma ótica para a exploração dos trabalhadores e para a depredação da natureza na chamada crise do paradigma civilizacional (Boff, 2004: 23). A lei-

tura desse autor, que já publicou mais de setenta livros nas áreas de Teologia, Espiritualidade, Filosofia, Antropologia e Ecologia, tem se mostrado fundamental para o entendimento de como as equipes religiosas pensam e trabalham a questão ambiental ao lado das populações *ribeirinhas*.

A análise da formulação teórica de Boff acerca da relação entre homem e natureza talvez nos permita vislumbrar algumas das idéias que orientam as equipes da Igreja Católica que incorporaram a questão ambiental. Além deste autor, será utilizado neste ensaio as idéias desenvolvidas no livro *A Arrogância do Humanismo*, de 1978, do biólogo David Ehrenfeld, autor de pelo menos sete livros que discutem a problemática ambiental. Esta obra, utilizada por diversos teóricos que se dedicam ao estudo da relação homem–natureza, critica o caminho que a humanidade tem percorrido ao longo da sociedade moderna rumo a uma crença ilimitada no poder da tecnologia e da razão para controlar o mundo natural.

Inicialmente, a finalidade deste estudo era pensar a teoria produzida por Boff a partir do humanismo enfaticamente criticado por Ehrenfeld. No entanto, conforme a leitura dos dois teóricos foi se aprofundando, tornou-se possível estabelecer paralelos entre o pensamento de ambos, já que desenvolvem em seus trabalhos temas em comum e com abordagens próximas. Um exemplo é a recorrência ao tema da arrogância do ser humano, que se entende em posição privilegiada em relação aos demais seres do universo. A forma como este assunto e outros que veremos a seguir são tratados nos permite fazer aproximações entre os pensamentos de Boff e Ehrenfeld.

A proposta é eleger determinados pontos temáticos abordados pelos dois autores (tais como: Religião Judaico-Cristã; Desenvolvimento científico-tecnológico; Homem *versus* Natureza; Crise do paradigma civilizacional e Perspectivas Futuras) e construir, a partir da comparação do pensamento de ambos, uma síntese comparativa. O objetivo central é trazer informações sobre o pensamento de Boff, um dos principais teóricos da Teologia da Libertação e que, possivelmente, influencia as equipes religiosas, para aprofundarmos o conhecimento de como a Igreja Católica desenvolve e pensa a questão ambiental no seu trabalho realizado no estado do Amazonas junto às populações *ribeirinhas*. Pretende-se, ainda, investigar de que modo o pensamento de Boff pode ser analisado conforme as questões propostas por Ehrenfeld em seu livro, pois uma das hipóteses acerca do projeto ambiental realizado pela Igreja em aliança com os ribeirinhos seria de que a Igreja possui uma perspectiva humanista em relação ao mundo ambiental.

É interessante notar, antes de estabelecer as comparações, que os conceitos–humanismo e antropocentrismo são utilizados, respectivamente, por Ehrenfeld e Boff. Entretanto, ainda que Boff não mencione Ehrenfeld e nem este cite Boff, o sentido que ambos dão a esses conceitos não possui diferenciação. Ao se utilizarem destes termos, ambos estão se referindo à mesma mentalidade de domínio e de controle da natureza por parte dos seres humanos. Além disso, o adjetivo “arrogante” é utilizado por esses autores para enfatizar a idéia que a humanidade atualmente faz de si mesma e de sua posição dominante no universo.

2. Notas Comparativas Sobre Tópicos Temáticos

2.1. Religião Judaico-Cristã:

Os valores passados por essas religiões ocidentais servem de base, segundo Boff e Ehrenfeld, para a interiorização, no mundo contemporâneo, da crença na superioridade da humanidade frente à natureza. David Ehrenfeld credita à doutrina das causas finais, apropriada pelas religiões judaico-cristãs, a responsabilidade pela mentalidade moderna marcada pela arrogância e arbitrariedade do ser humano frente ao mundo natural. Segundo o autor, as formulações dessa doutrina, proclamada nos tempos da Grécia de Platão e, mais tarde, apropriada por essas religiões, serviram para legitimar a posição de superioridade humana em relação ao planeta Terra, tal como podemos ver no trecho abaixo retirado do livro de Ehrenfeld:

As características do mundo natural foram todas, planejadas por Deus para certos fins, primordialmente o benefício da humanidade. (...) A nossa responsabilidade consiste em agradecer essa dívida e em troca aceitar exercer o controle do planeta, uma aceitação que foi recomendada com insistência por alguns judeus e cristãos já em tempos antigos. Assim a idéia de controle e a idéia de superioridade humana ficaram desde cedo associadas em nossa história. (Ehrenfeld, 1978:5)

Dessa forma, observamos que, de acordo com Ehrenfeld, o humanismo surge dessas idéias de herança e de controle que foram difundidas por essas religiões no Ocidente em fins do século XVI. A humanidade com isso passou a acreditar na sua capacidade para manipular a Terra de qualquer maneira que fosse interessante a ela. A semelhança entre as religiões do Ocidente e o humanismo é, portanto, marcada por esta doutrina. Na medida em que o papel de Deus foi diminuindo com o aumento da crença no poder do homem, e conseqüentemente a relação com as religiões judaica e cristã, foi possível chegarmos a um humanismo plenamente desenvolvido. Deus podia então ser “aposentado com meia pensão”, ainda exibido nas cerimônias apropriadas ostentando as velhas medalhas, até ser, aos poucos desmistificado, castrado e abandonado (Ehrenfeld, 1978:5). A partir da Renascença este projeto pode ser concretizado, concretizando a transição para o humanismo.

Assim, da mesma forma que o biólogo Ehrenfeld credita a responsabilidade pelas conseqüências que o meio ambiente vem sofrendo nos últimos séculos a essas religiões, o teólogo Leonardo Boff compartilha da mesma opinião ao afirmar que:

Nenhum texto da tradição cultural do Ocidente melhor deu corpo a essa vontade de conquista-dominância do que as bulas papais legitimando as potências imperiais ibéricas, quando, no tramar do século XV e no alvorecer do século XVI, se lançaram a aventura de criar uma civilização mundial (e o conseguiram) conquistando terras, rasgando mares nunca dantes navegados, submetendo povos e devastando culturas até então desconhecidas em nome de Deus e da Igreja. (Boff, 2004:100).

A partir desta colocação o autor analisa o teor de textos religiosos e atribui a eles indicações de arrogância, pois este tipo de idéias conferiu ao inconsciente coletivo da sociedade moderna o imaginário da dominação mundial. De acordo com textos bíblicos como “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra e submetei-a; dominai-a, dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu...” (Gn 1,28), Boff identifica o convite das religiões judaica e cristã a à lei-

tura arrogante que os homens fazem de si em relação aos demais seres do planeta, determinante na definição de suas relações com a natureza. Estas relações são marcadas pela vontade de sempre dominar a Terra, ou seja, a vontade de poder-dominação que define o perfil do ser humano das sociedades modernas, como citou Nietzsche.[2]

Partindo da crítica aos traços específicos do judeo-cristianismo, Boff cita alguns pontos com conotação antiecológica encontrados na tradição destas religiões. Citarei os mais importantes:

Patriarcalismo – O autor afirma que os valores masculinos ocupam os principais espaços sociais, sendo que até mesmo Deus é apresentado como Pai. Com isso, a dimensão feminina da existência torna-se invisível. Esta invisibilidade acaba por agredir o equilíbrio dos gêneros e representa uma ruptura na ecologia social e religiosa.

Monoteísmo – Consiste em testemunhar que antes e depois do processo cósmico, vigia um princípio único criador e provedor universal, Deus. A tradição judaico-cristã sempre travou uma luta incansável contra o politeísmo. Então, se só há um Deus no céu deve haver um só senhor na terra, um só chefe religioso, uma só cabeça ordenadora na família.

Ideologia Tribalista – Segundo Boff, sempre que um povo ou alguém se sente eleito e portador de uma mensagem única corre o risco da arrogância e cai facilmente nas tramas da lógica da exclusão, pois estabelece que suas convicções se tornem dogmas religiosos a serem impostos a todos os demais, em nome de Deus e de seu desígnio histórico. E nada mais inimigo da ecologia que esta cesura na solidariedade universal e a negação da aliança sob cujo arco-íris todos e não somente alguns se encontram.

Então, tanto para um quanto para outro autor, a organização das sociedades no mundo contemporâneo, pautadas pela valorização do humano, partiu inicialmente da legitimidade atribuída às idéias das religiões judaicas e cristãs que caracterizam a relação do homem com os demais seres do planeta e que pode ser concluída através da seguinte passagem retirada do estudo de Ehrenfeld:

Assim, ambas as religiões – o grupo judaico-cristão e a religião da humanidade[3] - são responsáveis pelas consequências, para nós mesmos e para o nosso meio ambiente, da moderna arrogância humana (Ehrenfeld, 1978:6).

2.2. Desenvolvimento Científico-Tecnológico

Os dois autores concordam que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no século XVIII avançou de tal modo que o mundo humanista chegou a ter certeza de que não haveria limites para o poder de controle do meio ambiente. A razão passou a prevalecer cada vez mais entre as pessoas e a fé humanista foi então mais uma vez alimentada, agora pelo impulso da revolução científica. Junto às religiões judaico-cristãs, a humanidade encontrou na ciência e na tecnologia mais um alicerce para sustentar a arrogante fé em sua capacidade de controle do mundo natural.

Portanto, Ehrenfeld enfatizará criticamente que a arrogância da fé humanista em nossas capacidades foi alimentada pelos triunfos da ciência e da tecnologia, trabalhando em conjunto no final da Renascença. Esses triunfos eram vistos ou discutidos por toda parte, iam desde uma profusão de novas técnicas para modificar paisagens até um caudal de informações a respeito do mundo natural (Ehrenfeld, 1978:8). Paralelamente a esta situação acreditava-se cada vez mais na razão para defender os pressupostos do poder humano e o humanismo deixava de perceber os danos que causava com as suas modelações do mundo natural em busca de um futuro desejável.

Citando Hedström, Leonardo Boff também desenvolve essa discussão em seu trabalho e inicia sua análise partindo do seu entendimento da tecnologia no modelo de desenvolvimento em que ela está inserida:

O desequilíbrio do sistema Terra deve-se à tecnologia ainda rudimentar, agressiva e poluidora. Certamente, a tecnologia atual cobra alta taxa de iniquidade ecológica. Ela implica a sistemática exploração dos “recursos naturais”, o envenenamento dos solos, a deflorestação, a poluição atmosférica e a quimicalização dos alimentos.

Dessa forma, a ciência e a tecnologia, segundo o autor, antes de se tornarem ferramentas a serem utilizadas pela humanidade em benefício de uma coexistência justa entre homem e natureza, estão, na verdade, longe de serem instrumentos ecológicos apropriados para garantir a permanência de um ecossistema em equilíbrio para as gerações futuras. A tecnologia, para ele, é um importante aparelho de dominação que o homem passou a utilizar na busca de concretizar o seu projeto de submeter o mundo natural visando o progresso e a realização de seus interesses. E assim Boff finaliza:

Nos últimos três séculos, graças aos avanços científico-técnicos, ele se deu os instrumentos de dominação do mundo e da sistemática depredação de suas riquezas, reduzidas a recursos naturais, sem qualquer respeito à sua autonomia relativa. (Boff, 2004:148).

Pode-se concluir, do que foi dito por ambos os autores, que os avanços da ciência e da tecnologia moderna vêm orientados pelo interesse da humanidade nos tempos atuais em estabelecer de forma sistemática todo o seu poder no controle do mundo natural.

2.3. Homem Versus Natureza:

Os dois autores são críticos contundentes da forma como a humanidade se entende diante dos demais seres do universo. Esse entendimento de uma posição central diante do mundo natural, fruto da concepção de superioridade e de dominação adquirida em um primeiro momento através das religiões judaico-cristã e depois a partir do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, promovendo ferramentas que possibilitam modificações na natureza, é visto de maneira bastante crítica por Boff e Ehrenfeld.

As conclusões de Leonardo Boff sobre este tema nos levam a perceber de que modo a Terra, segundo ele, se encontra a perigo, em função das perspectivas antropocêntricas do ser humano:

Nada tem valor intrínseco, nada possui alteridade e sentido sem ele. Todos os seres estão ao seu dispor, para realizar seus desejos e projetos. São sua propriedade e domínio. Ele se sente sobre as coisas e não junto e com as coisas. Imagina-se um ponto isolado e único, fora da natureza e acima dela. Arrogantemente se dispensa de respeitá-los (Boff, 2004:101).

Esta posição centralizadora do ser humano, situado nessa perspectiva, é uma das causas que leva os dois autores a entenderem a crise ecológica atual e a identificarem a necessidade de modificação dessa atitude sob o imperativo de salvar o planeta Terra para as próximas gerações contra extinção de espécies, esgotamento de recursos naturais e desastres naturais.

Nesse sentido, Ehrenfeld discute a fé suprema que a humanidade tem na razão para ser capaz de enfrentar e resolver os muitos problemas com que o ser humano se depara, assim como para reordenar o mundo da Natureza. A crença de que podemos e somos capazes de exercer total controle sobre o mundo natural caracteriza as sociedades modernas, que se percebem como seres superiores, induzidos pela nossa propensão humanista a pensar que estamos realmente aprendendo como dirigir o planeta em sua órbita (Ehrenfeld, 1978:11).

Contrariamente a esta premissa, o biólogo cita o “*princípio de semi-soluções e problemas residuais*”, de Eugene Schwartz, para condenar este princípio de infalibilidade que rege os homens, no sentido coletivo, nas sociedades modernas. Segundo este princípio, as semi-soluções são saídas para problemas definidos dentro de um contexto artificialmente restrito, e problemas residuais são aqueles que resultam da aplicação de semi-soluções. A análise de casos de intervenção do homem sobre o mundo natural nos mostra frequentemente que a maneira como é delimitado arbitrariamente o contexto de um problema a fim de torná-lo mais fácil de resolver faz com que a “solução” seja imprestável ou até destrutiva.

Ehrenfeld cita o exemplo dos vitrais de Chartres que receberam a aplicação de um produto para aumentar a durabilidade do material, mas após o serviço os restauradores foram surpreendidos pelo aspecto que os vitrais passaram a ter depois de revestidos. A luz que caía dos vitrais restaurados tornara-se tão uniforme e insípida quanto à luz distribuída por um vidro pintando comum, e prossegue: os restauradores parecem ter pensado apenas na mera transparência e durabilidade do revestimento plástico, e nunca se deram ao incômodo de averiguar que aspecto os vitrais teriam depois de revestidos. Este é um dos exemplos utilizados pelo autor de projetos bem-intencionados que produziram resultados diferentes do planejados e demonstram que a crença dos seres humanos de se acharem no controle absoluto do planeta Terra trata-se de uma mentira, pois a realidade é muito mais complexa do que os humanistas julgam acreditar.

Além disso, diante do dilema da conservação das criações da natureza que se encontram em perigo, é apontado que:

O mundo humanista só aceita a conservação da Natureza pouco a pouco e por um preço: tem que existir uma razão lógica, prática, para salvar cada uma e todas as partes do mundo natural que desejamos preservar (Ehrenfeld, 1978:138).

Essa atitude tomada pelos humanistas em relação à conservação ambiental nos remete novamente ao fato do homem, em uma perspectiva arrogante, acreditar que se encontra acima dos demais seres do planeta. Neste caso a salvação da Natureza só é importante na medida em que suas partes se tornem úteis de alguma forma aos interesses dos homens. Portanto, o valor não está nas comunidades animais e vegetais em si, o valor atribuído a essas espécies só adquire importância quando elas proporcionam benefícios aos homens. A descoberta deste valor transforma estas espécies e ambientes em recursos que são definidos como reservas de mercadorias que têm um apreciável valor monetário, direta ou indiretamente (Ehrenfeld, 1978:138). E aí sim, racionalmente eles merecerão ser conservados.

Dessa forma as conclusões de Boff e Ehrenfeld complementam-se a respeito do entendimento da relação do homem com a natureza. O pensamento desenvolvido pelos dois autores nos dá a idéia de como as sociedades modernas se organizam no mundo contemporâneo, a partir da valorização do humano e da crença irrestrita na razão para solucionar os “problemas” surgidos nas partes do mundo natural, sustentados pelos avanços científicos e tecnológicos.

Boff caracteriza este modelo de sociedade dominante atualmente como utilitarista e antropocêntrica, enquanto Ehrenfeld afirma que o humanismo está no âmago de nossa atual cultura mundial.

2.4. Crise do Paradigma Civilizacional

A vontade de tudo dominar, que prevalece no mundo moderno a partir do desenvolvido técnico científico e da predominância das doutrinas das religiões judaica e cristã, trazendo para o ideal da humanidade a procura constante de crescimento e progresso ilimitados, tem surtido efeitos bem distantes do desejado.

O que os séculos de falsa crença no poder ilimitado da ação dos homens estão nos trazendo é a degradação progressiva do planeta Terra, e, portanto, o desequilíbrio ambiental sob o risco de extinção de espécies e desastres naturais. A demasiada exploração dos recursos naturais, aliada às modificações no mundo natural operadas pelos homens, está organizando um assalto sistemático a suas riquezas no solo, no subsolo, nos ares, nos mares e na atmosfera exterior, como salientou Boff (2004:95). Atualmente, os recursos antes imaginados como infinitos, já mostram o seu desgaste, mesmo considerando os recursos renováveis.

Boff percebe que o ideal de crescimento ilimitado, estruturado pelos avanços tecnológicos do capitalismo, na verdade corresponde à invenção de forças cada vez mais destrutivas da natureza. O papel desempenhado pelo ser humano, distante da comunidade global das espécies, demonstra que esse distanciamento dos demais seres da natureza está provocando gradativamente a destruição do mundo natural devido às ações imperativas do homem.

A terra também grita sob a máquina depredadora e mortífera do nosso modelo de sociedade e de desenvolvimento (Boff, 2004:156).

A crítica de Leonardo Boff se refere ao exemplo de desenvolvimento econômico capitalista no qual a sociedade moderna está inserida, pautado pela dominação extremamente explo-

ratória dos recursos naturais e que caracteriza o modelo do paradigma civilizacional responsável pela ação devastadora do planeta Terra. Os seres humanos, portanto, dentro deste modelo se entendem separados das outras espécies do planeta e, em função disso, utilizam a ciência num sentido contra a natureza e não a favor dela, sobretudo devido à posição de superioridade que julga ter, e que justifica o tratamento da natureza como se fora um mercado ou balcão *self-service* (Boff, 2004:155).

Os dois autores concordam a respeito do caos que pode vir a acontecer no planeta Terra devido à crença irrestrita na razão humana para operar o mundo natural, retirar seus recursos de maneira ilimitada ou promover mudanças na natureza de acordo com seus interesses, pois se acumulam à nossa volta as provas de que a religião da humanidade é autodestrutiva e insensata. Não obstante, quanto mais ela fracassa, mais arrogantes e grotescas são as pretensões de seus sacerdotes (Ehrenfeld, 1978:44). Para ambos os autores, fica claro que o atual modelo da sociedade moderna levará o planeta ao colapso em função do ritmo exploratório que a Terra está submetida.

A crítica de Ehrenfeld é direcionada ao falso poder, baseado na razão, que a humanidade acredita ter e dele se utiliza para manter a Terra sobre seu controle. Os dois compartilham a mesma opinião crítica a respeito da superioridade que os seres humanos acreditam ter frente à Natureza. Mas Ehrenfeld desenvolve no seu livro pontos que desmistificam a fé na razão humana para dirigir e controlar o planeta Terra.

É um princípio da crença contemporânea que a tecnologia, a organização e o planejamento podem ser integrados e controlados de um modo que nos permitirá modelar um futuro desejável. Por exemplo, é comum depararmos-nos com declarações no sentido de que leis, normas governamentais ou até comportamento cooperativo comum entre cidadãos particulares podem produzir a integração e o controle necessários (...) e podem ministrar um planejamento sensato. É verdade que parece nunca termos conhecido esse estado, mas é-nos apresentado como uma visão de futuro (Ehrenfeld, 1978:185).

O autor está se perguntado até quando continuaremos acreditando nesse futuro, ou seja, até quando iremos acreditar nos pressupostos humanísticos de que teremos um dia o “controle necessário” para “ministrar um planejamento sensato” se, nesses últimos séculos, foi observada a degradação gradual da natureza graças ao sistema de mentiras e fingimento que evoluiu a todos nós, (neste caso o autor se refere à crença no nosso poder para desenvolver soluções para os próprios problemas que produzimos, tornando esta questão um ciclo sem fim – a *falácia da direção*) (Ehrenfeld, 1978:187).

Finalmente, Boff e Ehrenfeld concluem em seus trabalhos que o atual modelo civilizacional da sociedade moderna deve ser superado a fim de garantirmos a sustentabilidade do planeta Terra para as gerações futuras.

2.5. Perspectivas Futuras

Neste tópicó parece haver um grau maior de diferenciação entre os dois autores a respeito dos caminhos que a humanidade deve seguir em busca de uma relação mais respeitosa e duradoura entre os seres humanos e o planeta Terra, como veremos a seguir.

Leonardo Boff parte da hipótese Gaia que traz a visão do universo como sendo constituído por uma imensa teia de relações de tal forma que cada um vive pelo outro, para o outro e com o outro; que o ser humano é um nó de relações voltadas para todas as direções; e que a própria Divindade se revela como uma Realidade panrelacional (Boff, 1994:38). O autor propõe a re-ligação do ser humano junto às outras espécies do planeta nessa teia de relações.

Portanto, a humanidade nos dias de hoje ocupa um lugar equivocado, na medida em que se considera a criação mais privilegiada do planeta Terra. Essa atitude antiecológica dominante atualmente deve ser revertida por meio de uma aliança de paz e de amor (Boff, 2004:121) com a Natureza a partir do redescobrimento pelo homem do seu lugar no mundo natural junto com as demais espécies do planeta.

Entretanto, Boff entende o ser humano como capaz de co-pilotar o processo evolucionário e de se apresentar como um ser ético que assume a responsabilidade pelo destino bom de todo o planeta (Boff, 1994:149). Assim, os seres humanos devem se educar para estabelecer uma relação amistosa em relação ao planeta, deve cuidar da herança que recebeu, mas fugindo dos objetivos que buscam hoje em dia, o progresso ilimitado.

Essa perspectiva que Boff atribui aos seres humanos parece ser o ponto que estabelece a diferenciação entre ele e Ehrenfeld. Pois a partir da visão de Boff, a humanidade aparece como responsável “pelo destino bom de todo planeta”. A partir do pensamento de Ehrenfeld, esta concepção é mais uma característica da mentalidade humanista que já deu provas por demais que impedem os anti-humanistas de acreditarem num comportamento sensato dos seres humanos em relação ao planeta Terra, e faz a seguinte afirmação:

Não só os mecanismos explicam por que as promessas humanísticas modernas devem fracassar, mas um deles explica por que os humanistas, mesmo sabendo essas coisas, serão incapazes de renunciar aos seus pressupostos, aos sonhos de poder. Não renunciaremos a eles porque não podemos – os nossos egos impedem-nos disso (Ehrenfeld, 1978:193).

Ao invés de acreditar na humanidade como etapa da criação divina co-responsável pelo cuidado do planeta Terra, Ehrenfeld argumenta que devemos compreender que não estamos dirigindo este planeta. E, seguidamente responde às possíveis críticas humanistas de que esta perspectiva significaria por parte dos homens uma paralisia frente ao mundo natural, apontando que quando compreendermos esta questão nos tornaremos então livres da tarefa de realizar o impossível que é conduzir o mundo sob o controle da natureza.

Ao contrário, Leonardo Boff acredita no estabelecimento do ser humano como:

O jardineiro que deve cuidar pela herança que recebeu num sentimento de profunda comunidade cósmica com todos os demais seres, também criados por Deus e oriundos do mesmo húmus comum (2004:264).

Ehrenfeld acredita na dedicação dos homens a realizar um destino individual, separado da grande teia organizacional que está destruindo a vida na terra (1978:204). Ou seja, não cabe à humanidade se preocupar com a imensa comunidade global da qual fazemos parte. Ao contrário, devemos fazer o melhor que podemos no espaço em que vivemos ajudando uns aos outros, deixando, portanto, de estar todos ligados pela mesma corda na vertente da montanha (Ehrenfeld, 1978:204). Dessa maneira, identifica-se uma diferença fundamental entre os autores, na medida em que Boff mostra o ser humano como o responsável por promover a reconciliação com o universo de modo que a natureza deixe de ser percebida apenas no seu aspecto objetivo, de produção e lucro, a humanidade, portanto, aparece como uma etapa singular da criação divina responsável pelo destino de todo o planeta Terra.

3. Considerações finais

Como pode ser percebido, a crítica feita por Ehrenfeld a respeito da arrogância do humanismo, pode ser assemelhada, em diversos pontos, ao pensamento de Leonardo Boff. A partir da leitura de Boff, é plausível concluir que o discurso da Teologia da Libertação acerca da relação homem–natureza se posiciona de modo bastante crítico à moderna idéia de que a humanidade está no centro do universo e que, por isso, pode usufruir de maneira irrestrita dos recursos existentes na natureza.

Ambos compartilham do discurso de que a relação entre homem e natureza deve ser modificada, mas é nesse ponto, quando se referem à mudança de atitude da humanidade a fim de garantir a sustentabilidade do mundo natural, que parece haver uma diferença no pensamento dos dois autores, pois enquanto Ehrenfeld afirma que deve haver inúmeras unidades de sobrevivência, cada uma com sua própria fé e suas crenças e seus modos de vida, Boff acredita nos homens enquanto co-pilotos do planeta Terra. Dessa maneira, a postura crítica adotada por Boff não elimina totalmente a posição privilegiada do homem em relação às outras criaturas, pois ainda que não possa explorá-las de maneira irrestrita, o homem está de qualquer forma encarregado pelo cuidado da natureza.

Será que o papel atribuído à humanidade por Leonardo Boff, de co-piloto, pode classificar seu pensamento como humanista, segundo os pressupostos de David Ehrenfeld? Acredito que ainda seja cedo para responder esta questão e outras como as seguintes: os agentes pastorais da Igreja Católica seguem o pensamento de Leonardo Boff, e conseqüentemente o discurso da Teologia da Libertação ou não? Será que na prática essas instituições realizam um trabalho que difere do discurso que os teóricos apresentam? 🌀

NOTAS

*Ana Paula Perrota Franco: graduanda do Oitavo Período do curso de ciências sociais. Orientadora: Professora Dr^a Neide Esterici. E-mail: anapaula_perrota@hotmail.com. Área de Pesquisa: Ecologia e Política, Identidades e Representações Coletivas, Amazônia

[1] Formado em Teologia e Filosofia, foi professor visitante nas universidades de Harvard, Basel e Heidelberg e, junto com outros intelectuais como Frei Beto, ajudou a formular nos anos 70 a Teologia da Libertação

[2] Citação lida no livro: *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Boff, Leonardo.

[3] O autor considera o humanismo como a religião mais atuante do nosso tempo.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, M. J. da S.. **A Casa dos Nossos Gens**: Um Estudo sobre ONGs Ambientalistas na Amazônia. Tese de Mestrado, UFRJ. Rio de Janeiro, 2003.

BOFF, L. **Ecologia**: Grito da Terra Grito dos Pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

EHRENFELD, D. **A Arrogância do Humanismo**. New York: Oxford University Press, 1978.

ESTERCI, N. **Ambientalismo e Conflito social na Amazônia Brasileira**. Boletim Rede Amazônia, Ano 1, nº1, 2002.

NOVAES, R. **De Corpo e Alma**: Catolicismo, Classes Sócios e Conflitos no Campo. *Rio de Janeiro*: Graphia Editorial, 1997.